

O Espírito Santo

Michael Welker¹

Resumo: A partir dos testemunhos bíblicos do AT e NT, o autor expõe as características da ação do Espírito na criação, nas criaturas e na igreja. Ele polemiza tanto com concepções que tornam a ação do Espírito abstrata e inacessível quanto com aquelas que o entendem disponível segundo os reclames e as necessidades dos crentes. Após apresentar seu entendimento do texto fundante de Pentecostes, At 2.1ss, passa a responder a diversas perguntas relacionadas com a atuação do Espírito a partir do testemunho bíblico como um todo.

Abstract: Based on the Biblical witnesses of the OT and the NT, the author presents the characteristics of the Spirit's action in creation, in the creatures and in the church. He polemicalizes against the conceptions that make the action of the Spirit abstract and inaccessible as well as against those that understand the Spirit as being available according to the demands and needs of the believers. After presenting his understanding of the foundational text of Pentecost, Acts 2: 1ff, he goes on to answer the various questions related to the action of the Spirit based on the Biblical witness as a whole.

Resumen: A partir de los testimonios bíblicos del AT y del NT, el autor expone las características de la acción del Espíritu en la creación, en las criaturas y en la Iglesia. Él polemiza tanto contra concepciones que tornan la acción del Espíritu abstracta e inaccesible cuanto contra aquellas que lo entienden disponible, según las reclamaciones y las necesidades de los creyentes. Después de presentar su comprensión del texto fundante de Pentecostés, Hch 2.1ss, pasa a responder las diversas preguntas relacionadas con la actuación del Espíritu a partir del testimonio bíblico como un todo.

Palavras-chave: Espírito Santo, Pentecostes, renovação, soerguimento

Keywords: Holy Spirit, Pentecost, renovation, restoration

Palabra clave: Espíritu Santo, Pentecostés, renovación, restauración

¹ Michael Welker, nascido em 1947, é doutor em Teologia pela Universidade de Tübingen e em Filosofia pela Universidade de Heidelberg. Foi professor de Teologia nas universidades de Münster e Tübingen. Desde 1991, leciona Teologia Sistemática na Universidade de Heidelberg. Suas áreas de maior pesquisa são a pneumatologia e a criação, o papel das igrejas em sociedades plurais e a ressurreição de Cristo.

Não existe fé sem a ação do Espírito Santo. É possível, sem dúvida, entrar numa relação pessoal e particular com Deus por meio da revelação de Deus em Jesus Cristo. A relação com Deus, no entanto, não é uma relação paritária abstrata. Em todas as relações pessoais com Deus, não se deve perder a certeza contida no Sl 139.5: “Tu me cercas por trás e por diante e sobre mim pões a mão”.² Os catecismos da Reforma expressaram isso por meio das discretas locuções, segundo as quais Deus rege e conserva “não unicamente a mim”, mas também *todas* as pessoas, *todas* as demais criaturas, e segundo as quais Deus eleger e se comunica “não unicamente *com toda* a cristandade, mas também *comigo*”. Por meio disso fica claro que a relação com Deus não é uma relação privada. Não se trata de um relacionamento que só atinge e molda o meu eu interior, ou que acontece somente em meu coração, em minha alma. Uma fé que não deve testemunho para nenhuma outra criatura, uma fé que quer permanecer em absoluto isolamento e absoluta falta de comunicação, não é fé cristã nem fé gerada pelo Espírito Santo.

O Espírito – aquele que enche todo o mundo, mas “foge e se distancia”

O Espírito Santo nos introduz num relacionamento com Deus. O Espírito Santo, porém, também renova, por meio desse relacionamento com Deus, condições de vida intracriaturais. O Espírito Santo é um poder vivificador e criador. Isso justamente não significa que – como afirmaram certas pneumatologias – o Espírito seja a causa última para tudo o que existe e seja onipresente no mundo. Para a doutrina sobre o Espírito Santo e para a própria Teologia, tanto o individualismo quanto o universalismo abstratos são simplesmente mortais. Uma das poucas passagens bíblicas que aparentam defender um universalismo abstrato da ação do Espírito encontra-se em Sabedoria 1.7: “O espírito do Senhor enche o universo, e ele, que mantém unidas todas as coisas, não ignora nenhum som”. Basta ler o que está escrito dois versículos antes para ficar bem claro que Sb 1.7 não pode ser entendido como testemunho de uma onipresença abstrata e ilimitada do Espírito. Ora, em Sb 1.5 diz: “Pois o espírito santo, o educador, foge da

2 Nota do tradutor: quando o sentido e a terminologia das versões de textos bíblicos citados pelo autor o permitem, utilizam-se, no caso de textos protocanônicos, a BÍBLIA SAGRADA. Traduzida por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, e, no caso de textos deuterocanônicos, a BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

duplicidade, ele se retira diante dos pensamentos sem sentido, ele se ofusca quando sobrevém a injustiça”.

As declarações admoestadoras em textos neotestamentários, segundo as quais as pessoas são conclamadas a não abafar, expulsar, apagar, entristecer o Espírito Santo (cf. 1Ts 5.19; Ef 4.30), seriam incompreensíveis se pudéssemos pressupor uma presença abstrata e uniforme do Espírito em todos os tempos e espaços do universo. A vida modelada e adequada à vontade de Deus, a vida criatural é “mantida unida” pelo Espírito Santo. Quando Deus retira o Seu Espírito, as criaturas viram pó e deixam de existir (cf. Jô 34.14s; Sl 104.29s).

O Espírito Santo, no entanto, não só mantém unida a criação. O Espírito conserva e protege a criação justamente porque a liberta reiteradamente de poderes inimigos de Deus, renovando-a e reerguendo-a. Por intermédio do Espírito Santo, Deus age nas e entre as criaturas. Deus age nelas enquanto que as escolhe para uma vida em Sua presença e as capacita para esta vida. O Credo Apostólico expressa essa verdade com as seguintes palavras: “Creio no Espírito Santo, na santa Igreja cristã universal, a comunhão dos santos [...]”.

O “derramamento” do Espírito e o etos da diferença criativa

Se nos voltarmos às tradições bíblicas e perguntarmos pela natureza da comunhão dos santos, constituída pelo Espírito Santo, deparamo-nos com a figura, à primeira vista quicá curiosa, do “derramamento do Espírito Santo”. O Espírito Santo é “derramado” do céu sobre as pessoas e as criaturas. Assim como a chuva do céu renova e refresca toda a terra e faz brotar e frutificar para uma vida em comum, o Espírito de Deus renova condições de vida complexas. Os “clássicos” entre as testemunhas da ação do Espírito são Joel 3 (na versão de Almeida: Joel 2.28-32) e a história de Pentecostes, em Atos 2.³

A promessa de que Deus “derramará sobre toda a carne” o Seu Espírito é explicada por Joel destacando a diferenciação: “Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões; até sobre os servos e servas derramarei o meu Espírito naqueles dias”. Assim como também em outras afirmações sobre a ação do Espírito de Deus, chama a atenção nessa promessa a equiparação entre mulheres e homens. Para

³ Cf. detalhes para o que segue em WELKER, M. *Gottes Geist*. Theologie des Heiligen Geistes. 3. ed. Neukirchen-Vluy, 2005. especialmente o cap. 5.

sociedades patriarcais, isso constituía uma sensação. Igualmente sensacional para sociedades antigas é a equiparação entre pessoas jovens e idosas. A equiparação destacada de receptoras e receptores jovens e idosos do Espírito não se coaduna com uma ordem social, na qual só a palavra dos idosos é respeitada. Aliás, ela também não se coaduna com uma ordem social que endeusa a juventude e se torna inimiga dos mais idosos. Por fim, a promessa do derramamento do Espírito destaca com clareza também a equiparação entre pessoas denominadas livres e servos e servas – na época tratava-se, provavelmente, de escravas e escravos. Isso foi dito numa sociedade escravagista, como o era a maioria das sociedades antigas.⁴ Servidões e tensões, com as quais ainda hoje nos ocupamos com freqüência, são aqui expressamente destacadas, a saber, a tensão entre mulheres e homens, a tensão entre pessoas jovens e idosas e a tensão entre pessoas livres e não livres, entre pessoas social e politicamente bem colocadas ou mal colocadas. O derramamento do Espírito conduz todas essas pessoas a uma relação nova e viva de comunhão com Deus e entre si.

Não entenderíamos corretamente a promessa de Joel se fôssemos concluir: “Quando age o Espírito, todas as pessoas se tornam iguais no sentido da subjetividade moderna”. Pois a equiparação que ocorre nessa promessa é bem especial. São criadas uma igualdade e uma comunhão nas quais as diferenças da criação são levadas a sério. Não é dito: todas as pessoas entre vós irão dizer, experimentar e pensar a mesma coisa e, nesse sentido abstrato, serão iguais. O que se diz, no entanto, é: vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos filhos e vossas filhas vão descobrir o conhecimento de Deus em conjunto e revelá-lo uns aos outros. Da mesma maneira também vossas pessoas idosas e vossas pessoas jovens darão reciprocamente testemunho sobre Deus e Sua presença. Isso, porém, significa: não mais um grupo de pessoas, o grupo que de igual maneira já é o detentor da palavra, determinará o entendimento de Deus e a fé. A vivacidade de Deus será percebida e levada a sério em meio a diferenças criacionais. Com isso são prometidas uma liberdade verdadeira e uma igualdade que examina as diferenças.

A passagem de um conceito de igualdade abstrato, tipicamente moderno, de um conceito de igualdade certamente muito louvável, mas parcialmente também muito falso para um etos de igualdade que seja dinâmico, sensível a diferenças, que examine diferenças, que distinga

⁴ Esclarecedor nesta questão é WHITEHEAD, A. N. *Abenteuer der Ideen*. Frankfurt, 1971. cap. 2.

diferenças criacionais de diferenças injustas e lhes dê nova estrutura – tal passagem ainda está à nossa frente; essa passagem que realmente percebe as forças da libertação por meio do Espírito Santo e as leva a sério ainda se encontra, em grande parte, no nosso futuro.

Que acontece em Pentecostes?

As declarações bíblicas sobre o Espírito e o derramamento do Espírito vão bem além das formas de comunhão “liberais”. Essas certamente buscam uma igualdade de todas as pessoas; mas, de fato, um único grupo acaba definindo a natureza dessa unidade e igualdade. A história de Pentecostes, bem mais que a promessa de Joel, obriga a levar a sério as *diferenças preservadas* entre as pessoas e os grupos de pessoas atingidas pelo derramamento do Espírito. O relato de Pentecostes acentua expressamente: aqui surge uma nova maneira de ter algo em comum em meio à diversidade cultural, nacional e de idiomas, que continua existindo. Numa enumeração precisa e até enfadonha, são citadas diversas origens nacionais, culturais e lingüísticas. São mencionados muitos grupos de pessoas que *não se entendem*. Diante de nós apresenta-se uma longa lista que deve representar todos os povos ou que esquadrinha o horizonte de todo o mundo judeu da época: partos e elamitas, moradores da Mesopotâmia, Judéia e Capadócia, do Ponto e da província da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egito, etc. (cf. At 2). Aqui se reúne o mundo em toda a sua diversidade nacional, cultural e de idiomas. E todas as pessoas, assim o lemos, compreendem “os grandes feitos de Deus”. Ao lado dessa extensa lista, são igualmente acolhidas as diferenciações enfatizadas na promessa de Joel. A diferenciação dos muitos povos, culturas e idiomas, a diferenciação de judeus e gentios é, portanto, drasticamente reforçada por meio da diferenciação enfatizada de homens e mulheres, jovens e idosos, servos e servas. Essa é a comunhão pentecostal do Espírito.

É importante notar que o relato de Pentecostes não fala de uma incompreensibilidade glossolálica, carente de interpretação, mas de uma maravilhosa compreensibilidade⁵. O milagre do derramamento do Espírito reside numa mútua compreensão, improvável em meio à diversidade cultural, social e lingüística. Sem anular as diferentes línguas, as diferentes pertencas

5 Veja sobre isso minha discussão com Frank Macchia, um teólogo do movimento pentecostal, que escreveu a mais perspicaz e construtiva crítica a meu livro *Gottes Geist: Spirit Topics: Trinity, Personhood, Mystery and Tongues. A Response to Frank Macchia on God the Spirit. Journal of Pentecostal Theology*, n. 10, p. 29-34, 1997.

culturais e as influências históricas, é fundada uma comunhão universal diferenciada. Mesmo onde não há pressupostos naturais para uma compreensão bem-sucedida, as pessoas reunidas por meio do Espírito ou as que foram tomadas pelo Espírito ou atingidas pelo derramamento do Espírito podem, não obstante, entender o discurso sobre os grandes feitos de Deus. Assim sendo, o Espírito de Deus não atua unicamente por meio de um povo ou de uma cultura, nem somente por meio de homens ou mulheres, nem unicamente por meio dos mais idosos ou dos que governam ou dos oprimidos. A constatação dessa comunhão diferenciada, criada pelo Espírito, no entanto, suscita, no mínimo, três perguntas.

Dificuldades gerais para o entendimento da ação do Espírito

Pergunta 1: Como se relacionam essas declarações com as palavras de Paulo, de que ali onde atua o Espírito de Deus, onde o Jesus Cristo ressurreto está presente, não existe nem homem nem mulher, nem judeu nem grego, nem escravo nem liberto, e que todos somos um em Cristo, que, por meio do Espírito, todos nós nos tornamos um só corpo?

A ênfase na edificação de uma comunidade diferenciada não se opõe às muitas declarações sobre a unidade do Espírito ou sobre a unidade dos crentes, criada pelo Espírito. O Espírito Santo realmente cria uma unidade da comunidade, uma unidade em que fé, amor e esperança são ativos. Ele cria uma comunidade na qual são buscados sempre, de maneira renovada, justiça, proteção aos fracos e conhecimento de Deus e da verdade⁶. Sob a ação do Espírito Santo, a busca por Deus e o amor a Deus tornam-se concretos. O Espírito de Deus age persistentemente contra diferenças injustas. Ele transforma e relativiza diferenças naturais e culturais quando caracterizadas por injustiça, falta de amor e falta de esperança. Isso não significa, porém, que o Espírito Santo simplesmente elimine diferenças. A unidade do Espírito é, antes, a unidade e a interação dos *diferentes dons do Espírito*. A unidade do corpo de Cristo é a unidade do corpo com seus diferentes membros. Paulo sempre de novo ressalta essa comunidade diferenciada dos santos. É bem verdade que todo o corpo de Cristo está ordenado segundo o seu Senhor, segundo o “cabeça”, o próprio Jesus Cristo. Ele não é, porém, em si mesmo, de constituição monoarquitônica. Ele constitui-se num corpo em que as diferenças entre os membros são decisivas para a sua unidade viva.

⁶ Para o “cumprimento da lei” no sentido da realização das boas intenções da lei por meio da ação do Espírito, veja WELKER, *Gottes Geist*, cap. 1.3; 3 e 5.3.

Paulo expressa isso de forma vívida com as palavras: por meio do único Espírito fomos todos recebidos num só corpo por intermédio do batismo, judeus e gregos, escravos e libertos; e todos fomos regados com o único Espírito. Também o corpo não é constituído de um só membro, mas de muitos. Quando o pé diz: Eu não sou mão, não pertença ao corpo!, mesmo assim pertence ao corpo. Se todo o corpo fosse somente olho, onde ficaria nesse caso a audição? Se ele só fosse ouvido, onde ficaria então o olfato? Deus, contudo, dispôs cada um dos membros de tal forma no corpo que correspondesse ao seu propósito (1Co 12.13ss).

Essa multiplicidade diferenciada e não difusa da comunidade, criada pelo Espírito, torna bem claro para nós que a perspectiva múltipla e um pluralismo estruturado⁷ são característicos para a fé e para o conteúdo da fé⁸. A fé engloba sempre testemunhos: um conhecimento e uma certeza e o conhecimento sobre os limites do conhecimento e da certeza. Essa complexidade, no entanto, leva-nos a perguntar se, tendo em vista essa perspectiva múltipla e o pluralismo estruturado, algo semelhante a um conhecimento de fé e a uma certeza de fé é possível existir algum dia.

Pergunta 2: Essa ação do Espírito, considerada na maneira como a descrevemos, não é totalmente caótica? O Espírito Santo não passa a ser um nume?

Como é a fé no Espírito Santo? Ela não perde todo o conhecimento e toda a certeza? Em relação ao Espírito Santo, essa pergunta se expressa no ceticismo sobre se é possível esperar ou desejar que haja algo semelhante a um relacionamento cognitivo com o Espírito Santo possa ser esperado ou desejado de alguma forma. Essa pergunta pode relacionar-se, por extensão, com todo o conhecimento da fé. Não é um atrevimento empreender a tentativa de entrar num relacionamento com Deus que signifique mais do que um reconhecimento mudo de um poder numinoso? Sempre de novo se tentou questionar completamente o conhecimento da fé em relação ao Espírito Santo e, assim, definir a fé em contraposição à ciência.

Sempre de novo foi dito:

Não sabemos pelo que temos que procurar e perguntar quando procuramos e perguntamos pelo Espírito Santo. Mas justamente assim é que tem que ser e ficar! O Espírito Santo é um ser numinoso, um poder que foge à nossa

⁷ Para a necessidade de diferenciar o pluralismo estruturado e todos os modos de vaga pluralidade, veja WELKER, M. *Kirche im Pluralismus*. 2. ed. Gütersloh, 2000.

⁸ Dietrich Bonhoeffer expressou esse entendimento, rico em conseqüências, em suas *Cartas da prisão*, principalmente na carta de 29.5.1944.

compreensão. Quem pretende entender realmente o Espírito Santo, não faz senão mostrar que não entendeu o Espírito Santo. A única coisa que se pode saber e dizer com certeza sobre o Espírito é que sobre Ele nada de seguro se pode saber e dizer.

Essa opinião foi considerada, por vezes, como especialmente piedosa e temente a Deus. Seus adeptos gostavam de fundamentá-la com João 3.8, onde se lê: “O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito”. O Espírito como um ser numinoso inatingível – seria essa a solução do enigma?

Como o vento, assim também o Espírito não pode ser tocado, dominado, definido. Essa afirmação não está errada. A favor dela depõe o fato de que, nas tradições bíblicas, as palavras para Espírito (*ruah* no Antigo Testamento e *pneuma* no Novo Testamento) também podem designar o vento. O Espírito Santo não pode ser dominado nem definido. Isso certamente é verdade. Mas ele não pode ser dominado nem definido da mesma maneira que também não o podem Deus, o Criador, ou Cristo, o crucificado e ressurreto. Seria absurdo tirar do fato de que não podemos dominar ou definir Deus a conclusão de que podemos falar do Criador e de Jesus Cristo, mas não do Espírito Santo. Da mesma forma, seria tolo e insensato tirar do fato de que o Espírito não se deixa dominar nem definir a conclusão de que nada podemos falar sobre Deus. “Buscai pelo conhecimento de Deus”! – isso é válido também em relação ao Espírito Santo. Quando buscamos por conhecimento de Deus, devemos respeitar Sua vivacidade e Sua liberdade. Temos que estar conscientes de que não conseguimos dominar ou definir Deus. Temos que ter clareza de que erramos o alvo em relação a Deus se tentarmos fazer Dele uma grandeza perfeitamente definida, ou se, por assim dizer, nos desprendermos da fé e transformarmos Deus numa simples grandeza do saber. Por outro lado, é errôneo conceder ao Espírito Santo um papel excepcional na incognoscibilidade de Deus. Os outros modos de ser de Deus são tão intangíveis como o Espírito Santo; e o Espírito Santo não é menos receptivo à busca cognitiva de Deus do que Deus, o Criador, ou Deus, o Filho.

Mas não está escrito em João: “O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito”? Para essa clara pergunta é possível oferecer uma clara resposta. O Espírito – como o vento – pode-se reconhecer pelos seus efeitos. E nisso, efetivamente, podemos reconhecê-Lo. Nos seus efeitos, nos dons e nos frutos do Espírito, o Espírito Santo pode ser reconhecido e distinguido de outros espíritos. E, no que se refere à palavra do Evangelho de João, ela acentua muito corretamente que o Espírito é indisponível e não pode ser

dominado. Algumas poucas outras passagens da Escritura fazem uma afirmação semelhante. Centenas de afirmações da Bíblia acentuam, porém, que isso de forma alguma é tudo o que pode ser conhecido e dito do Espírito. As passagens que falam da indisponibilidade do Espírito não ultrapassam o número dos dedos de uma mão. Em contrapartida, as passagens que contêm afirmações precisas sobre o Espírito somam mais que 300. Em vez de abafar as inúmeras afirmações sobre a ação precisa do Espírito por meio de poucas afirmações sobre a Sua indisponibilidade, faz mais sentido, ao contrário, iluminar as poucas afirmações sobre a indisponibilidade e indefinição do Espírito com as inúmeras passagens claras a Seu respeito. O Espírito Santo pode ser reconhecido – em meio a Sua liberdade e indisponibilidade. E é exatamente isso que precisamos procurar entender.

Pergunta 3: *Se é certo que o Espírito Santo age na forma do derramamento e da criação de uma comunhão diferenciada, por que Deus atua de forma tão complicada entre nós, seres humanos?*

Em relação a essa terceira pergunta, o Credo Apostólico oferece-nos uma chave: “Creio no Espírito Santo, [...] a comunhão dos santos, na remissão dos pecados [...]”. Muitas pessoas da cultura atual, no entanto, não sabem o que fazer com o discurso sobre o perdão dos pecados. Quando se fala sobre pecado, pressentem elas, trata-se de tutela e domínio de quem se acredita moralmente superior, por exemplo, de funcionários religiosos ou outros. O termo pecado tornou-se incompreensível para a maioria das pessoas⁹. Quando, na segunda taça de vinho ou no segundo pedaço de torta de nata, as pessoas dizem “Agora estou pecando”, ou quando se referem a pecados de trânsito e de estacionamento, elas sinalizam essa falta de compreensão. Por mais que se esforcem, não conseguem compreender o que significa pecado. “Nós somos todos pequenos pecadores, sempre foi assim, sempre foi assim”: é o que se canta em festas populares, em ambientes alegres e ao balanço do ritmo da música. E, logo em seguida, ouve-se: “Todos, todos, todos nós chegaremos no céu, porque somos bem-comportados”. O discurso sobre o pecado faz parte dos conceitos totalmente deteriorados da piedade. A igreja cristã e a teologia são co-responsáveis por essa situação, pois muitas vezes entenderam pecado unicamente como culpa, deixando de compreendê-lo e ensiná-lo também como um poder. Essa redução do pecado à mera culpa infiltrou-se até nas nossas confissões de pecado. As tradições bíblicas

9 BRANDT, S.; SUCHOCKI, M.; WELKER, M. (Hrsg.). **Sünde**. Ein unverständlich gewordenes Thema. 2. ed. Neukirchen-Vluyn, 2005.

possuem a esse respeito uma visão bem mais clara. Elas reconhecem que o pecado certamente tem algo a ver com culpa, mas que é mais do que culpa. O pecado é também um poder que escraviza as pessoas e do qual elas não conseguem se desprender. O pecado como culpa e o pecado como poder, que nos levam a perguntar, clamar e rogar pela justiça de Deus – é isso que novamente deveria ficar mais claro em nossas confissões de pecados. Então também iríamos entender por que temos necessidade da força do Espírito Santo, se é que queremos ser libertados do poder do pecado.

Antigos testemunhos esclarecedores da ação do Espírito

Os testemunhos mais antigos da ação do Espírito encontram-se no Antigo Testamento, nos livros de Juízes e 1 Samuel. O povo de Deus ou, pelo menos, partes desse povo encontram-se numa situação sem perspectivas, em necessidade extrema e total falta de esperança. Sua destruição é iminente ou já está em pleno andamento. Em situações como esta – como é dito reiteradamente – também Israel tinha sua parcela de culpa. Havia se afastado do seu Deus. Havia, como dizem alguns textos, “feito o que era mau aos olhos de Deus”. Em todas essas situações, o povo, a comunidade havia se resignado. Ela desiste. Ela chora. Ela lamenta. Ela não sabe mais como prosseguir. A comunidade desespera. Em todas essas situações, portanto, ela também não quer mais combater. Acentua-se que ela busca evitar uma solução armada para o conflito. A situação é de tal ordem, que poderíamos descrevê-la da seguinte forma: tudo perdeu seu sentido. Nós sucumbimos. Estamos perdidos.

Neste contexto, então, é dito: E o Espírito de Deus veio sobre esta e aquela pessoa. E essas pessoas conseguem tirar o povo de suas dificuldades. Segundo os testemunhos bíblicos, esses antigos carismáticos, acometidos pelo Espírito de Deus, são pessoas absolutamente normais, às vezes até um tanto ambíguas e desagradáveis. O Espírito de Deus é experimentado como uma força inesperada e indisponível, que se torna, nessas pessoas, um poder que salva a comunidade. A salvação é identificável. Mas ninguém sabe dizer exatamente por que e como ela ocorreu. O motivo não pode residir na comunidade. Também não na nobre personalidade do carismático. *Deus* perdoou o mal que cometemos. Novamente *Deus* protegeu e fortificou nossa comunidade. *Deus* nos libertou da ruína, que já era dada como certa. É nessa situação que se diz: *Desceu o Espírito de Deus*.

Nesses testemunhos antigos há muita coisa que permanece ambígua e obscura. O conhecimento da fé está sujeito a crescimento, ele aumenta no

decorrer das tradições e dos testemunhos bíblicos – mas não unilinearmente. Mesmo assim, já os relatos mais antigos sobre a força libertadora do Espírito falam de uma comunidade preservada por meio da ajuda de Deus. Falam de perdão dos pecados. Falam de um restabelecimento, de um soerguimento da vida que se encontrava à beira da morte, sim, que já parecia entregue a ela. Dessa maneira, não se encontram distantes da confissão de fé: “Creio no Espírito Santo, [...] a comunhão dos santos, no perdão dos pecados, na ressurreição da carne [...]”. De qualquer forma, os relatos da ação do Espírito em conexão com os assim denominados antigos carismáticos encontram-se muito mais próximos do Credo Apostólico que o discurso inócuo sobre a mera incognoscibilidade do Espírito.

O poder do pecado e o poder do Espírito

São muitas as variantes por meio das quais as tradições bíblicas apresentam a perdição das pessoas, presas pelo poder do pecado. Na cruz de Cristo esse poder é revelado por meio de um drama de proporções enormes. A cruz revela o pecado do mundo em sua forma abismal. Revela que, com os conceitos da ensimesmação e da vanglória, o pecado humano é apreendido só parcialmente, não de uma forma plena, sim, que tais conceitos não contribuem senão para minimizá-lo. Jesus Cristo é crucificado em nome da religião, em nome do direito judaico e romano, em nome da política reinante e da opinião pública vigente. Na cruz é revelado o pavoroso triunfo dos poderes do mundo que se servem da boa lei de Deus para colocar-se contra a presença de Deus e ainda dissimular essa sua ação. A cruz revela que a boa lei pode transformar-se numa máquina de mentira e engano sob o poder do pecado. Na cruz se revela como as pessoas se distanciam, individual e coletivamente, da presença de Deus, sim, como se opõem violentamente contra a presença de Deus, conseguindo, assim, ainda irradiar a *aparência* de justiça, agrado de Deus, necessidade política e consenso público.

A cruz de Cristo revela-nos o abismo do pecado. Mostra que nossa religião, nosso direito, nossa política, nossa moral, nossa opinião pública podem tornar-se armas contra Deus e contra a presença de Deus. É possível que, nessa prática, ajamos em conjunto com outras pessoas, outras classes, outras culturas, outras religiões. Podemos fazê-lo na maior das ingenuidades – sem qualquer consciência de ter praticado algo de errado. A cruz de Cristo coloca-nos sempre de novo diante dessa horrível possibilidade e realidade! Contra esse perigo mortal, sim, em meio a esse perigo o Espírito de Deus realiza a justiça intentada por Deus, a justiça própria de Deus.

Nessa situação fica indiscutivelmente claro que o derramamento do Espírito é coisa completamente diferente que um evento exagerado e absurdo. Ele é uma necessidade terapêutica. Por meio do Espírito, os diversos caminhos e formas pelos quais os diferentes grupos de pessoas, épocas e culturas buscam cumprir a lei de Deus tornam-se mutuamente acessíveis e sensíveis. Nossa procura por direito, misericórdia e conhecimento de Deus – ou seja, nossa procura pelo cumprimento da lei – é confrontada com a busca de outras pessoas pelos mesmos fins. Nossas realizações políticas, religiosas, morais e jurídicas são questionadas. Nossa autojustificação, minha própria e a nossa em conjunto, é revelada. Não para simplesmente expor as pessoas ou envergonhá-las. Não para confundi-las ou conduzi-las ao relativismo. A autojustificação humana é revelada para que as pessoas consigam abrir-se à justiça mais completa, à misericórdia maior, ao conhecimento mais claro de Deus e da verdade. Deus age nelas por meio do Espírito. É por intermédio do Espírito que Deus as coloca a Seu serviço.

Renovação e soerguimento por meio do Espírito

Com o Espírito de Deus é apresentada uma maravilhosa força e poder ao ser humano. Indisponível, mas claramente reconhecível. Questionando-o e animando-o. O Espírito Santo é um poder libertador e aperfeiçoador, um poder que sempre de novo deixa as pessoas se darem conta do abismo de sua carência e perdição. Sem o Espírito Santo, elas não conseguem suportar a mensagem da cruz de Cristo. Sem o Espírito elas desesperariam diante das tentações do mundo. Sem o Espírito ocorreria com elas a mesma coisa que com o desesperado Israel do livro de Juízes. E, não obstante, até as situações mais abismais da vida humana encontram-se sob a promessa: “O Espírito de Deus foi derramado sobre vós!” Sobre pessoas bem normais, que – como foi dito – por vezes são inclusive ambíguas e desagradáveis como os antigos carismáticos tomados pelo Espírito. O Espírito de Deus é experimentado como força imprevista e indisponível e se torna poder sobre tais pessoas, um poder que salva a comunidade.

O Espírito de Deus, contudo, não é somente um espírito de salvação. O Deus Criador salva-nos pelo fato de nos erguer. Por meio do Espírito não somos somente libertados repetidamente de nossas necessidades e prisões. O Espírito leva as criaturas de Deus para dentro de uma nova vida. Elas recebem participação na vida do Cristo ressurreto. Elas recebem a honra de tornar-se membros do seu corpo. Elas recebem a honra de serem pedras vivas do templo de Deus. Elas tornam-se membros da “nova criação”. Por meio do Espírito Santo elas são transformadas em portadoras e portadores

da presença de Deus. Por meio da força libertadora do Espírito não só é revelada a situação das pessoas pobres e perdidas sob o poder do pecado. Essas passam a ser também libertadas desse poder. Elas são libertadas dele à medida que lhes é outorgado um grandioso valor. A elas são prometidas a comunhão com Cristo e a comunhão com suas forças vitais. Elas são tornadas participantes da vitória abençoada e triunfante sobre a resistência das pessoas à presença de Deus e à comunhão recíproca, festiva e pacífica, vinculada a essa presença.

Paulo descreve essa doação parcial ao poder de Deus com o discurso sobre o “derramamento do amor de Deus em nossos corações, por meio do Espírito Santo” (Rm 5.5). Ao mesmo tempo, ele descreve, por várias vezes, um processo de crescimento daqueles que se deixam apoderar e moldar pelo amor de Deus e pelo amor a Deus por intermédio do Espírito, um processo não muito fácil de compreender. *Eles entram num relacionamento com o Deus vivo que os transforma – nessa relação!* Dessa maneira as pessoas têm, no amor, participação na identidade e verdade de Deus, assim que estas possam tomar forma e tornar-se realidade nas pessoas, em seus corpos e em suas vidas. Paulo descreve isso da seguinte forma: o “amor de Cristo” praticamente “constrange” as pessoas a reconhecerem que o agir de Deus nos convida em Cristo para participarmos de Cristo e nos tornarmos “uma nova criatura” (2Co 5.14-17). Segundo a Carta aos Efésios, os que amam recebem uma participação cada vez maior na força e no ser de Deus: “Assim sereis tomados mais e mais de toda a plenitude de Deus” (Ef 3.19). Aqui a fé no Deus vivo recebe contornos claros: um conhecimento, confrontado continuamente com seus limites, uma certeza, conduzida sempre de novo para além de si própria na pergunta pela verdade. Pois o amor de Deus quer transformar-nos, a fim de que sejamos “tomados de toda a plenitude de Deus”. A amplidão e a riqueza da fé são identificáveis justamente em relação ao Espírito Santo, que nos coloca em contato com o Deus criador e com a presença do Cristo ressurreto.

Tradutor: Uwe Wegner
Revisor: Nelson Kilpp